



Em torno da via medieval de Mondim de Basto

Pedro Ricardo Coelho de Azevedo*

RESUMO

Este artigo tem por objetivo caraterizar e reconstituir a principal via medieval que atravessava Mondim de Basto. Terá sido um importante eixo na região de Basto durante a Idade Média e em épocas posteriores.

ABSTRACT

This article aims to characterize and reconstruct the main medieval road through Mondim de Basto. It would have been an important axis in the Basto region during the Middle Ages and in later times.

PALAVRAS-CHAVE

Estrada medieval; arqueologia medieval; pontes; caminhos.

KEYWORDS

Medieval road; medieval Archaeology; bridges; paths.

* Bolseiro de investigação pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Doutoramento em Desenvolvimento, Sociedades e Territórios. Investigador no CETRAD – Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2019.

1. INTRODUÇÃO

Os caminhos e as pontes assumem-se como fontes de informação privilegiadas, uma vez que configuram trajetos que contribuem, por sua vez, para a compreensão do planeamento e ocupação de um determinado território.

Dos caminhos e pontes de origem medieval existentes no território de Mondim de Basto destaca-se a via que ligava os principais centros na época medieval: Mondim de Basto e Ermelo. Esta via integra no seu traçado duas pontes de pedra, de estrutura monumental, uma sobre o rio Cabril e outra sobre o rio Olo.

São escassas as informações para a época medieval no que toca às vias de comunicação e meios de passagem de Mondim de Basto. Começamos por fazer uma breve contextualização da importância das pontes e caminhos medievais para a região de Basto, uma vez que esta gozava das mais importantes romarias medievais portuguesas: Santa Senhorinha de Basto e São Gonçalo de Amarante. Posteriormente, tentamos caracterizar e identificar os vários caminhos medievais existentes em Mondim de Basto. No final, fazemos as considerações sobre a sua relevância arquitetónica e histórica.

2. ESTRADAS MEDIEVAIS

Na Idade Média, em consequência do aumento populacional e da dispersão do povoamento, multiplicam-se os caminhos e as pontes, que se vão ramificando, progressivamente, por todo o território como um verdadeiro aparelho circulatório (Almeida, 1968, pp. 3-4).

No estudo da viação medieval as pontes constituem um tema fundamental, quer porque, como investimentos avultados que significaram, evidenciam o desenvolvimento económico e a relevância estruturante que se confere às redes viárias, sendo encomendadas pelas hierarquias religiosas, pela aristocracia e pela Coroa, quer porque nos testemunham o domínio de técnicas construtivas especializadas.

“O elevado conceito em que as pontes eram tidas na Idade Média, pela sua extraordinária função social, como poderosos meios de aproximação dos homens, por facilitarem a circulação e oferecerem protecção e segurança às vidas humanas e bens materiais, de tal forma que contribuir para a construção ou reparação de pontes, além de expressão de solidariedade humana, era tido como esmola e acto pio meritório” (Marques, 1992, p. 123).

“A norte do rio Douro, durante a época medieval, existiram albergarias em Amarante (1192) e no Marão (1134). (...) Como se vê, em Trás-os-Montes, eram poucas e muito dispersas, embora sempre em locais de passagem” (Almeida, 1973, p. 51).

“A história das pontes medievais é a dos caminhos desse tempo. Desde os finais do século XI até ao século XIV, arranjar calçadas e construir pontes foram actos considerados como obras de piedade” (Almeida, 2001, p. 149).

A edificação de pontes acentua-se durante o século XIII. Como refere Carlos A. Ferreira de Almeida, “a calçada medieval não se apresenta, certamente, tão larga como

a romana, nem é tão maleável e regular como esta. Ela era feita para transportes mais pesados e mais lentos e, por isso, utilizava pedras mais volumosas e menos regulares. Não tem a uniformidade, nem o eixo, nem as bermas da romana, mas é bem mais resistente” (Almeida, 1998, p. 352).

As vias medievais eram, na sua maioria, sinuosas, contrastando com as vias romanas. “Tal facto dever-se-á à maior preocupação de ligar não só os pequenos núcleos urbanos entre si como ligá-los também aos principais, permitindo a dinamização da relação campo-campo e campo-cidade” (Romão, 2012, p. 42). Eram obras mais resistentes se comparadas com as pontes romanas.

3. VIA MEDIEVAIS EXISTENTES EM MONDIM DE BASTO

A principal via medieval da região de Basto era o caminho que fazia a ligação Erme-lo-Mondim de Basto, onde, a partir daqui, ramificavam vias secundárias. “A partir de Mondim de Basto, tinha que ser feita a ligação aos concelhos vizinhos situados a Norte (Atei e Cerva) e a poente (Celorico de Basto)” (Dinis, 2009, p. 40).

Um testamento de 1282 dá conta que existiu uma ponte medieval sobre o Tâmega em Mondim de Basto. Contudo, a sua existência não está provada. Presume-se que a via medieval no centro de Mondim de Basto corresponda à rua da Viacova, uma artéria estreita, empedrada e com edificações antigas. Mais à frente, junto à capela de S. Sebastião, surge a calçada medieval. Mais abaixo, surge a capela do Senhor da Ponte e a ponte medieval de Vilar de Viando sobre o rio Cabril. A ponte estava integrada na via que ligava o concelho de Ermelo a Mondim de Basto. Esta via era fundamental, porque permitia aceder às Terras de Basto e à província do Minho. A construção da ponte remonta à Baixa Idade Média, sendo constituída por um único arco de volta perfeita, de aduelas estreitas e alongadas. O seu tabuleiro é em cavalete e possui reforços robustos a montante e a jusante, para resistir às cheias. No arranque dos arcos, na face interna dos pilares, a ponte possui cavidades para o encaixe dos vigamentos que suportavam a cofragem de madeira, denominada por cimbres, que servia para montar os arcos.



FIGURA 1. Calçada e ponte medieval de Vilar de Viando (Junta de Freguesia de São Cristóvão de Mondim de Basto).

Segundo a tradição, pela ponte terão cruzado os exércitos romanos e franceses. Esta faz parte dos caminhos de peregrinação a Santiago e foi reedificada em 2003.

A calçada em lajeado, onde, por vezes, o piso aproveita afloramentos graníticos, prolonga-se até à subida para a capela de Santa Luzia, em Vilar de Viando, e prolonga-se até Paradança.

Também integra o caminho Ermelo-Mondim de Basto a ponte de Ermelo sobre o rio Olo, exemplar que deverá datar do século XIII, considerando as dezenas de siglas gravadas no intradorso do seu único arco. A calçada prolonga-se até ao lugar da Várzea. Desta antiga via ainda se vislumbram muitos fragmentos do seu primitivo traçado, alguns deles lajeados e com marcas da sua secular utilização (Dinis, 2009, p. 40). Muito possivelmente, esta via corresponde a uma antiga estrada romana, onde, tal como a ponte do Cabril, integrava a via que ligava Chaves a Favaios, por Panóias, em Vila Real, sendo reconstruída durante a época medieval. Alguns troços na Estrada Nacional 304 acompanham um percurso idêntico ao da estrada medieval entre Ermelo e Várzea.

Construída integralmente em granito, a ponte de Ermelo é uma construção medieval, de arco com tabuleiro em cavalete de um “único e amplo arco de volta perfeita. As aduelas são largas e muito regulares” (Serenio e Dordio, 1994). O pavimento é constituído por lajes irregulares de granito, embora, no lugar de Várzea, a calçada possua lajes de xisto.



FIGURA 2. Ponte de Ermelo sobre o rio Olo (Associação de Municípios do Baixo Tâmega).

Existem outras vias secundárias em Mondim de Basto que, de igual modo, merecem ser identificadas neste estudo. No lugar de Carvalhas tem início a calçada da Senhora da Graça. Caracteriza-se por ser um caminho de ligação de Vilar de Ferreiros ao Alto do Monte Farinha, de perfil irregular e sinuoso e de origem medieval (Dinis, 2009, p. 139). No percurso está localizado o castro Castroeiro, cuja ocupação mais antiga deste sítio poderá remontar ao III milénio a.C. Possivelmente, após ter sido abandonado durante a Romanização, foi reocupado na Idade Média.

Existe outra calçada no lugar da Sobreira, que tem como topónimo “calçada velha” e se caracteriza por ser um caminho antigo, de perfil irregular, com início em Atei e que seguia para a Senhora da Graça (Dinis, 2009, p. 51). Um terceiro caminho de acesso ao santuário surge na povoação de Pedreira e situa-se “na rota das antigas vias medievais, e dos romeiros do Monte Farinha (...)” (Pereira, 2000, p. 54).

Existem outros troços e estruturas de cariz medieval, como uma ponte em Bilhó, que assenta sobre uma provável estrutura de preexistência medieval. Possui um único arco de volta perfeita.

“Separada da sede de freguesia, Vilar, por uns bons 60 minutos a gastar pelo medieval caminho das Mestas (...)” (Pereira, 2000, p. 30), surge a povoação de Vila Chã. Como refere Pereira, “este lugar foi albergaria e pousada hospitaleira de gerações e gerações de caminheiros que das pondras das Mestas e da ponte de Vila Chã foram utentes” (Pereira, 2000, pp. 30-31). Segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, é uma “povoação muito anterior, pelo menos em origem, ao século XII” (*apud* Pereira, 2000, p. 31).

No lugar de Covas passa “(...) o antigo trajeto de Basto para Panóias [que] também há séculos serve os nossos conterrâneos de Vila Chã” (Pereira, 2000, p. 35).

A calçada de Brumela, situada no lugar homónimo, conhecida por “caminho velho”, possui um caminho de perfil irregular, com alguns troços lajeados. Apesar de não ser possível determinar a sua cronologia, o traçado deste caminho deverá ser muito antigo, pois ligava o Norte do concelho a Agunchos e Formoselos, em Ribeira de Pena, podendo servir, igualmente, de ligação à ponte medieval de Cavez (Dinis, 2009, p. 46).

Existe outra calçada, em Vale da Ponte, que apresenta igualmente um caminho irregular. Estabelecia a ligação de Mondim de Basto a Atei. A sua construção remonta à época medieval, ganhando importância no século XVI, quando D. Manuel I atribuiu foral a Mondim, Atei e Cerva, precisamente o eixo desta via de comunicação (Dinis, 2009, p. 56). É possível encontrar alguns troços desta via, nomeadamente as pontes da Laje e de Pardelhas, sobre o ribeiro de Grelhos, e a ponte de Vale da Ponte, sobre o ribeiro de Fragoso. É importante frisar que a passagem em Brumela, do concelho de Atei para o concelho de Cerva, sobre o rio Poio ou Louredo, seria feita através de poldras, pois a ponte que aí existe, classificada como romana, foi construída nos finais do século XVIII.

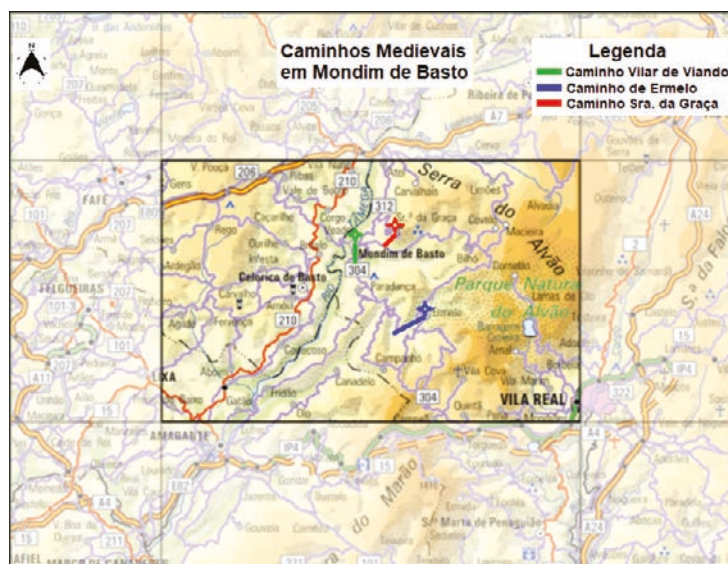
A partir de Mondim, para alcançar os concelhos vizinhos a Norte, como Atei e Cerva, o traçado não possuía obstáculos naturais como rios impetuosos ou relevos consideráveis e não eram necessárias obras de grande envergadura como pontes. Até ao século XVI, a ligação a Celorico de Basto deveria ser realizada em barcas, uma vez que a primeira referência à ponte de Mondim de Basto, sobre o rio Tâmega, surge somente em 1530.

Conforme refere Dinis (2009, p. 40), “aproveitando velhos traçados medievais que obrigatoriamente existiram na ligação dos diversos lugares enumerados na documentação dos séculos XII, XIII e XIV, encontramos espalhados pelo concelho muitos caminhos, com troços lajeados (...)”. Possivelmente, os caminhos desta região entroncavam na via do Marão.

Em suma, são caminhos seculares que serviram de acesso às várias localidades de Basto e por onde os peregrinos oriundos “(...) de Vila Real, arribando por Lamas D’Olo, pela Anta e por Bilhó, atravessando Vilar e depois trepando ao Monte, para descer a Mondim (...)” (Oliveira, 1993, p. 23), rumam a Santiago de Compostela.



FIGURA 3. Representação das várias vias medievais em Mondim de Basto (Google Earth Pro, 2015).



FIGURAS 4 E 5. Representação sobre a Carta Militar de Portugal das várias vias medievais existentes em Mondim de Basto (IGeoE, 2004).

4. CONCLUSÃO

São inúmeras as pontes e caminhos medievais existentes em Mondim de Basto. Constituem um legado de elevado valor histórico, pois conservam as suas estruturas construtivas originais. Contudo, não é possível estabelecer uma cronologia para a maioria dos caminhos. Trata-se de testemunhos de redes viárias antigas, de nível vicinal ou regional. Outros troços podem ter origem pré-romana e/ou romana, bem como outros poderão ter origem medieval.

Como podemos observar ao longo deste estudo, muitos dos caminhos recebem como topónimos a designação de “caminho velho”, calçada ou calçada romana. Este último termo comprova que os caminhos medievais aproveitaram e mantiveram as estradas romanas.

Atendendo às necessidades do quotidiano, na Idade Média as comunidades contribuíram para as pontes da região, como aconteceu com as populações nortenhas (Marques, 1992, p. 126) de Amarante, Cavez e Mondim de Basto.

O troço Ermelo-Mondim de Basto foi uma via de ligação entre as duas localidades, que corresponde principalmente a um eixo viário fundamental na Idade Média, porque estabelecia ligação com outras vias medievais do Minho e de Trás-os-Montes. Integra duas pontes, a de Vilar de Viando e a de Ermelo, sendo ambas consideradas imóveis de interesse público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, C. A. F., 1968. *Vias medievais entre Douro e Minho*. Tese de Licenciatura. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Almeida, C. A. F., 1973. Os caminhos e a assistência no Norte de Portugal. In: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos Históricos, *A pobreza e a assistência aos pobres na península ibérica durante a Idade Média*. Actas das 1.^{as} jornadas Luso-Espanholas de História Medieval. Tomo I. Lisboa, Portugal, 25-30 de setembro de 1972. Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Centro de Estudos Históricos.

Almeida, C. A. F., 1998. Caminhos medievais no Norte de Portugal. In: J. M. C. Ferreira e M. T. Mergulhão, coord. 1998. *Caminhos portugueses de peregrinação a Santiago: itinerários portugueses*. La Coruña: Xunta de Galicia, Xerencia de Promoción do Camiño de Santiago, pp. 339-356.

Almeida, C. A. F., 2001. *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Presença.

Dinis, A. P., 2009. *Carta arqueológica de Mondim de Basto*. Mondim de Basto: Câmara Municipal de Mondim de Basto.

Google Earth Pro versão 7.3.2.5491, 2015. *Mondim de Basto* 41°22'55.21"N, 7°55'03.88"O, *elevação* 583 m. [em linha] Acessível em: <<https://earth.google.com/web/@41.38577532,-7.93693618,393.62773609a,12163.17767618d,35y,359.89727782h,0t,0r>> [Consultado em 15 de agosto de 2018].

IGeoE – Instituto Geográfico do Exército, 2004. *Celorico de Basto*, 1:50 000. Centro de Informação Geoespacial do Exército [em linha] Acessível em: <https://www.igeoe.pt/index.php?id=186&p=1&distrito=17&escala=2&extracto=10_4> [Consultado em 13 de agosto de 2018].

Marques, J., 1992. O culto de S. Tiago no norte de Portugal. *Lusitania Sacra*, 2.^a série, pp. 99-148.

Oliveira, L. J., 1993. *Segredos da pirâmide verde*. Mondim de Basto: Junta de Freguesia de Mondim de Basto.

Pereira, J. C., 2000. *Vilar de Ferreiros na história, no espaço e na etnografia*. Lisboa: Edição de autor.

Romão, J. M., 2012. *No encalço do passo do Homem medieval: as vias de comunicação do antigo termo e atual concelho de Tomar*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa.

Sereno, I. e Dordio, P., 1994. Ponte de Ermelo sobre o rio Olo. *Direção-Geral do Património Cultural – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*, [em linha]. Acessível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5755> [Consultado em 23 de julho de 2018].